

BÓIAS-FRIAS

Sem acordo, 100 mil trabalhadores podem parar no Rio.

Cem mil trabalhadores da agroindústria açucareira do Rio paralisarão as suas atividades se não houver um acordo, até o próximo domingo, com os usineiros. A decisão foi tomada no sábado, após cinco horas de discussão, por 1.500 bóias-frias do Estado, na cidade de Campos.

O acordo de Guariba (SP) foi o ponto de partida para os canavieiros fluminenses estabelecerem suas propostas, principalmente com relação à tarefa e ao preço para o corte de cana. Eles querem a redução de sete para cinco linhas e o pagamento de Cr\$ 1.740,00 por tonelada cortada. Para a cana comum, ficou definido Cr\$ 60,00 o metro linear, e para a cana irrigada, Cr\$ 160,00. Reivindicam o transporte seguro e gratuito; envelopes ou comprovantes de pagamento obrigatório; pagamento nos dias de chuva, ficando o empregado à disposição do empregador; fornecimento obrigatório de ferramentas e equipamentos de proteção individual de trabalho; pagamento de salário por motivo de doença; comprovante da tarefa; assinatura em carteira; pagamento do 13º salário; e fixação de multa, em caso de descumprimento de qualquer uma das cláusulas do acordo a ser firmado.

As autoridades estaduais garantiram que assegurarão o direito de greve, não reprimindo com força policial nenhuma manifestação da categoria, enquanto o presidente da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura, José Francisco da Silva, após ouvir o depoimento de vários bóias-frias, fez um veemente apelo: "Ou a gente se une, ou vamos todos morrer de fome". Todos os trabalhadores foram unânimes em dizer que vivem em estado de miséria e de fome.

Miséria o revolta

O clima nos canaviais é de tensão, principalmente devido à exploração exercida pelas empreiteiras. Aproximadamente 90% da categoria, estimada pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura em cem mil, vivem em estado de miséria, pois não têm registro profissional, são clandestinos.

Para o presidente da Federação, Eraldo Lírio de Azeredo, "aqui, o homem exerce sistema de trabalho semelhante à servidão. O caso mais triste" lembrou, "foi a morte de José Ribeiro, em 1980, na Fazenda Abadia, que caiu de fome no canavial". Um de seus companheiros de diretoria, José Carlos de Souza Freitas, depois de trabalhar durante 20 anos como cortador na Baixada Campista, manuseando todo tipo de herbicida, contraiu uma elevada taxa de mercúrio no sangue, segundo exames realizados na Fundação Getúlio Vargas.

Trabalhando em média 12 horas por dia, incluindo o tempo gasto com a viagem, e sob as mais precárias condições, recebem de Cr\$ 800,00 a Cr\$ 1 mil por tonelada cortada, ganhando, no final do mês, menos que o salário mínimo regional. A maioria mora em barracos ou em casas de barro batido cobertas de sapé. Não há serviço para mais de seis meses e na entressafra, além da alternativa da construção civil, buscam rendimentos como camelôs, atividades que também não lhes proporcionam mais que um salário mínimo. A safra, que começa em junho, absorve famílias inteiras, apesar de a mulher e o menor ganharem bem menos que os homens. E, como há crise de desemprego na região (a mão-de-obra adulta está sobrando), a mulher passa a ser discriminada e poucas delas têm encontrado vagas.

João Souza, chefe de turma de uma empreiteira que trabalha para várias usinas, tem uma explicação para o problema:

— Além do inconveniente de serem do sexo feminino, elas tem sempre aqueles problemas de "chico" — referindo-se ao ciclo menstrual, acrescentando que são ruim de rabuda (enxada) e de catana (facão).

Ele também não acredita que haverá greve, pois "este pessoal precisa de trabalho e tem muita gente querendo o lugar deles". Para João Souza, a "culpa é dos políticos demagogos que não têm o que fazer, a não ser agitar humildes trabalhadores".

A situação é mais dramática na Usina Novo Horizonte, onde os salários são pagos com constantes atrasos e o fornecimento de alimentos a preços elevados:

— Não temos como evitar — lamentou José Agripino. Quando estamos sem dinheiro temos que cair neste fornecimento, onde todo o nosso salário, descontadas as compras feitas durante o mês.

Situação perigosa

Até o transporte de bóias-frias é precário e perigoso, de acordo com a própria Polícia Rodoviária, que tem intensificado a vigilância para impedir o tráfego de caminhões sem as adaptações necessárias. Em março último, em Dorcas de Macabu, um caminhão foi colhido por um trem, acidente que causou a morte de seis e ferimentos em 36 pessoas. O sargento José Francisco, na semana passada, surpreendeu-se quando viu bóias-frias sendo levados num caminhão de gado em meio ao estrume.

A situação, cada vez mais insustentável, poderá gerar reações imprevisíveis, pelo menos é o que teme o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos, Manoel Francisco Pereira. "Mas, antes de qualquer insurreição, queremos dialogar com os usineiros. Como estão as coisas, não há como suportar mais." Já estaria, até mesmo, ocorrendo a queima criminosa de canaviais, embora não se saiba, ainda, se isso significa início do levante dos bóias-frias.

Demonstrando confiança, o usineiro e presidente do Sindicato da Indústria de Refinação de Açúcar dos Estados do Rio e do Espírito Santo, Geraldo Coutinho, disse não acreditar na greve e muito menos na concessão das conquistas obtidas pelos trabalhadores de Guariba, e refutou as colocações feitas pelas lideranças dos bóias-frias.

Para ele o setor não tem mais de 60 mil trabalhadores, sendo que a maioria está ligada às usinas, como trabalhadores industriais registrados profissionalmente e com direito à Previdência Social. E enfatizou que a "cana-de-açúcar em São Paulo está inserida em outra realidade", não servindo, como revelou, de base para a negociação no nível do Estado do Rio.

A agroindústria açucareira do Estado apresenta um aspecto singular: empregados e patrões vivem em crise. A dificuldade do setor agravou-se na década de 70, quando o Instituto do Açúcar e do Alcool — IAA — estimulou o crescimento industrial, financiando a fusão de empresas, praticamente triplicando a capacidade de moagem das usinas, em função dos altos preços do produto no mercado internacional. O IAA esqueceu-se, porém, de fazer o mesmo com o setor agrícola, que ao longo dos últimos anos, mais pela tradição da cultura na região do que pela rentabilidade apresentada pelo setor, cresceu horizontalmente, sem adquirir técnicas que propiciassem, paralelamente, a sua expansão vertical. Conclusão: de pouco ou nada vale um parque industrial com capacidade para esmagar mais que o dobro da cana existente na região. E, acreditando na reversão do quadro, acabam somando prejuízos a cada ano. As dívidas das usinas ligadas à Coperflu giram em torno de US\$ 200 milhões e a tendência, se os organismos federais não encontrarem uma solução, será o desaparecimento da produção.

(Moacir Cabral, especial para o JT.)

(Página 15)